

O Distrito Federal, com 581 mil hectares de área — 45 vezes menor que São Paulo —, possui 2.50 mil hectares agricultáveis, dos quais 120 mil estão sendo aproveitados, dentro de um modelo atípico à realidade brasileira, tal como é única sua principal área urbana, Brasília. Desde a estrutura de posse da terra — 60% dela em mãos do governo —, à privilegiada infra-estrutura de transportes, assistência técnica, crédito, telefonia e eletrificação rural, o Distrito Federal se distingue pela sua produção de grãos, voltada primordialmente para multiplicação de sementes adaptadas aos cerrados, e aos hortigranjeiros, para abastecimento de aproximadamente 1,5 milhão de pessoas, antes obrigadas a consumir verduras, frutas e legumes de São Paulo, Minas e outros centros produtores, a preços inflacionados pelo transporte e especulação.

Depois de uma série de fracassos nas diversas tentativas de modelos agropecuários, que chegaram a ameaçar de fechamento a Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-DF), em fins de 1979, o Distrito Federal finalmente se beneficia da "última tentativa" oficial de incremento da produção primária da região: por três anos seguidos, o índice de aumento de preços de verduras, frutas e legumes comercializados no Ceasa-DF tem sido inferior ao índice nacional.

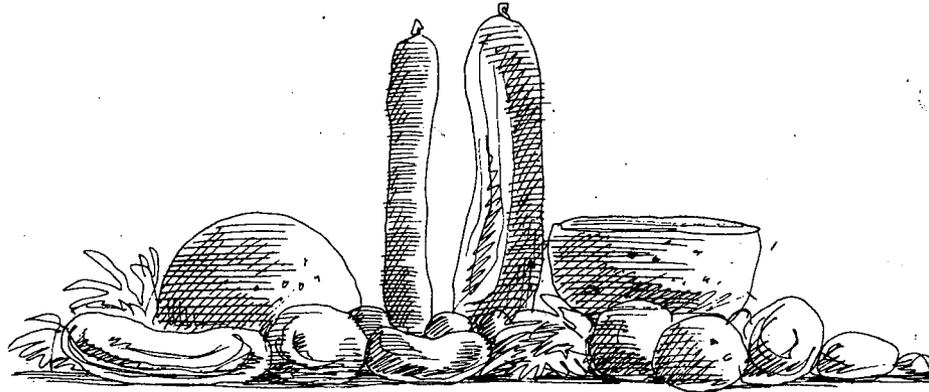
Os produtos olerícolas, conhecidos como dos mais caros do País durante 20 anos, aumentaram, em 1980, 232%, enquanto, no País, este índice foi de apenas 200%. No ano seguinte, enquanto, no País, os hortigranjeiros custaram 420% a mais, no Distrito Federal esse índice foi de 412%, numa queda que se acentuou em 1982, quando o aumento no DF foi de 85% do índice nacional (702% contra 821%). No ano passado, enquanto os olerícolas sofreram aumento de 2.181%, na média nacional, Brasília registrou aumento de 2.139%, ou seja, 98% do índice nacional (IGP), apesar das condições adversas do Planalto Central a esse tipo de cultura.

Praticamente toda a terra do Distrito Federal é de propriedade da União e loteada em áreas de 5 a 20 hectares, destinados a horticultura, enquanto os lotes médios, de 20 a 50 ha, são cultivados com grãos, e os lotes maiores, de 50 a 120 ha, entregues à pecuária. Com o Programa de Assentamento Dirigido, com incentivo a agricultores do Sul do País a se transferirem para o Distrito Federal, foram abertos lotes de até 300 hectares, com praticamente todos os arrendatários filiados à Cooperativa Agropecuária do Distrito Federal.

Uma das formas de atrativo a agricultores experientes foi o tipo de arrendamento, pelo qual se paga apenas 5% do Maior Valor de Referência por hectare ao ano, ou seja, menos que Cr\$ 1.500,00. Se, por um lado, a

# A produção agrícola de Brasília

O predomínio é dos hortigranjeiros e dos grãos, para multiplicação de sementes.  
Por Murilo Murça.



medida trouxe um contingente expressivo de agricultores que, sem necessidade de dispêndio para aquisição das terras, puderam aplicar seus recursos em equipamentos, silos, participação na cooperativa e preparo adequado do solo, houve, também, um grande número de privilegiados. Ministros, deputados, altos funcionários do governo, mesmo sem nenhuma experiência rural, foram beneficiados, sem que houvesse efetivo aproveitamento dessas glebas, ocupadas pelos que os agricultores chamam de "gravateiros" — agricultores de fins de semana.

Além de uma malha viária excepcional em comparação ao resto do Brasil, facilidades para eletrificação e telefonia rural, a agropecuária no Distrito Federal é beneficiada por 23 núcleos ou colônias, onde os agricultores dispõem de escritório da Emater — a maior parte dos técnicos e pessoal administrativo morando na área rural, também numa cena pouco comum aos demais Estados, onde a extensão rural se dá através de visitas, quando muito mensais —, posto de saúde, escola, posto para revenda de insumos e de abastecimento, centro social e um mercado do produtor.

No Programa de Assentamento Dirigido (PAD-DF) estão arrendados 150 mil ha a dois mil produtores que, juntamente com posseiros e demais arrendatários, formam um contingente de 4.000 produtores a se beneficiarem, ainda, da proximidade de pelo menos quatro importantes centros de pesquisas: o Centro de Pesquisa de Arroz e Feijão,

em Goiânia; o Centro Nacional de Hortigranjeiros; o Centro de Pesquisa Agropecuária do Cerrado; e Centro Nacional de Recursos Genéticos, todos da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-Embrapa. Destes centros estão saindo as melhores variedades de sementes para produtos como a soja e a cenoura, forrageiras e outras culturas adaptadas à região, da mesma forma como há pesquisas, já em aplicação de campo, na área de controle biológico de pragas.

O presidente da Emater-DF, Mário Capp Filho, alinha, ainda, outras vantagens às propriedades rurais — de 60% a 65% eletrificadas —, como a topografia favorável à mecanização e o controle de tecnologia para produção no cerrado, aliados a um clima bastante definido, em um período de chuvas, que vai de outubro a abril, e um seco, de maio a agosto, que provoca uma verdadeira "assepsia" natural contra pragas e permite o uso de tecnologia mais sofisticada, como a irrigação.

A péssima qualidade da mão-de-obra disponível na região é um de seus maiores problemas que, identificado, está sendo lentamente contornado, com a formação de capatazes, pela própria Emater. Capp ressalva, no entanto, que grande parte da mão-de-obra treinada não se tem fixado na região e que, mesmo o treinamento, se tem mostrado difícil, pela disparidade de hábitos, cultura e costumes do pessoal, vindo de todas as partes do Brasil, com tradições muito diferentes entre si.

Pela pequena dimensão territorial, o Distrito Federal não pretende e não tem condições de se transformar em grande produtor. Por isso, a alternativa da política agropecuária na região, segundo o secretário de Agricultura, Alceu Sanches, é aproveitar as vantagens comparativas existentes e transformar o Distrito Federal em grande produtor de sementes para sua região de influência, onde somente o crescimento da soja representou, nos últimos três anos, um aumento de 240% da área plantada. Paralelamente, garantir o abastecimento de hortigranjeiros, ovos e maior parte da carne. Hoje, o DF já exporta ovos e frangos, entrando em acelerado crescimento a criação de cabras para produção de queijos especiais, que alcançam bom preço no mercado.

Também no Distrito Federal se desenvolve uma promissora experiência no cultivo de novas variedades de ervilhas, desenvolvidas pelo centro de hortigranjeiros da Embrapa, e que já alcançam preços razoáveis, com as principais indústrias de enlatados concorrendo na compra. A produção, atualmente, está sendo direcionada ao Nordeste, um "mercado menos exigente", segundo Capp, até que se estabilize a qualidade para exportação e para ganhar parte do mercado Centro-Sul.

O principal produto — semente de soja — passou de uma produção de 1.600 toneladas, em 1978, para 8.200 toneladas, na safra atual, e deverá aumentar consideravelmente, já com uma nova variedade, de maior rentabilidade, a Savana, que está sendo lançada pela Embrapa. Para evitar riscos e aumentar a renda dos produtores, são desenvolvidos, ainda, projetos de aquíicultura (122 toneladas, no ano passado) e rancicultura, criação de búfalos e ovinos. Há, ainda, 1.800 hectares plantados com mangas de seis variedades e se desenvolve apicultura, não só para produção de mel como para polinização das culturas.

O presidente da Emater, Mário Capp, considera Brasília um grande campo experimental, que está sendo desenvolvido graças à conjugação de esforços oficiais e da iniciativa privada. A partir de um modelo ideal de assistência técnica oficial, Capp pretende estimular os empresários rurais da região a contratarem cada vez mais a assistência técnica privada. Para tanto, está desenvolvendo, na Emater-DF, uma experiência de consórcio entre produtores para manutenção de agrônomos e técnicos agrícolas no campo, gerando um bom nível de gerenciamento e absorção de novas tecnologias. "Este é o modelo a ser seguido, valorizando a iniciativa privada e aumentando o mercado de trabalho dos técnicos, hoje desempregados nas cidades, quando há muito o que fazer no campo", afirma Capp, mostrando o exemplo da empresa que dirige, na qual, dos 160 funcionários, 90 estão no campo.